

ECOS E RASTROS DE UMA TRADIÇÃO: (RE)INVENÇÕES DAS CAVALHADAS EM RELATOS DE MORADORES DE PIRENÓPOLIS-GO (2021-2024)

GREGORY RAMOS OLIVEIRA¹; DANIELE GALLINDO-GONÇALVES²

¹Universidade Federal de Pelotas – gramosoliv@gmail.com

²Universidade Federal de Pelotas – danigallindo@yahoo.de

1. INTRODUÇÃO

Inseridas entre o conjunto de manifestações que compõe a Festa do Divino Espírito Santo, as cavalhadas, um auto-dramático/ludo equestre, são conduzidas desde o segundo quartel do século XIX e, apesar de não serem intermitentes, são etapa fundamental na tradição, principalmente pelo componente identitário presente na narrativa apresentada nos três dias em que cavaleiros mouros e cristãos se enfrentam e competem em locais específicos (como na instalação conhecida como *Cavalcódromo*), mas também pela presença dos Mascarados, “anti-cavaleiros” (OLIVEIRA, 2021, p. 73) que ocupam espaço cada vez mais central na festividade.

Tradição concebida no contexto colonial, hoje possui especificidades que solicitam, do pesquisador, abordagem que dê conta do *outro* como referencial, sobretudo buscando compreender o lado de cá do Atlântico e as culturas e tradições tributárias do empreendimento luso-castelhano sobre as comunidades originárias e lançando mão de escravizados africanos como imaculado pela violência colonial, desde o campo simbólico ao prático. Nesse sentido, este estudo é tributário de discussões ligadas à *Decolonialidade* (BALLESTRIN, 2017) e aos *Estudos Subalternos* (CHAKRABARTY, 2008).

Através da comparação entre os resultados obtidos em oito entrevistas feitas com moradores de Pirenópolis, conduzidas remota e presencialmente, buscamos perceber a forma como relatos sobre as Cavalhadas de Pirenópolis são capazes de evidenciar as relações entre a memória cultural da comunidade que mantém as tradições com a memória e identidade dos indivíduos que contribuíram com nossa pesquisa. Neste sentido, tendo a memória como categoria historiográfica (DE CERTEAU, 1988, p. 97) de análise, entendendo-a como partícula da tradição, iremos discorrer sobre convergências e divergências nos relatos, a citar: a importância da tradição para os indivíduos abordados e suas expectativas e temores sobre a manutenção, ruptura ou deformação da tradição, sobretudo a partir da experiência de um hiato verificado entre 2020 e 2021, durante a pandemia de Sars-Cov-2.

2. METODOLOGIA

Partimos, neste trabalho, do emprego da metodologia de História Oral (THOMPSON; BORNAT, 2014), especificamente da História Oral Temática (HOLANDA; MEIHY, 2015, p. 38-40), lançando mão do método comparativo (DETENNE, 2004; KOCKA, 2003) para a análise dos relatos. Optou-se pela combinação de ambas as metodologias por oportunizarem a comparação entre os diferentes pontos de vista e memórias de entrevistadas e entrevistados sobre os mesmos objetos. Longe de buscar uma espécie de norma entre os relatos,

compreendendo que as subjetividades presentes nos oito relatos jamais podem ser interpretadas como as experiências de uma comunidade de aproximadamente vinte e cinco mil individualidades, o empenho deste estudo está na percepção do papel da festividade como parte fundamental na construção da memória e identidade de entrevistadas e entrevistados, ao que a comparação permite espécie de “amostragem” do impacto de uma tradição para uma comunidade.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Apesar de encontrar-se em desenvolvimento, a continuidade de etapas iniciadas anteriormente (OLIVEIRA; GALLINDO-GONÇALVES, 2023) apontam para determinados resultados, sobretudo no papel da memória das Cavalhadas (e da Festa do Divino Espírito Santo como um todo) como parte integral das memórias e identidades das entrevistadas e dos entrevistados. Logo, a diferença entre *memória de aprendizagem* e *memória formativa* (ASSMANN, 2011, p. 17) é possível de ser denotada conforme o indivíduo é sujeito ao acúmulo de experiências e de sua proximidade com a festividade. Assim, a posição do entrevistado em relação à festividade influenciou diretamente na natureza das respostas ao que foi inquirido.

Dos oito entrevistados, apenas um não era nascidos na cidade. Os demais, todos pirenopolinos, incluem dois professores, um fotógrafo, dois artesãos e duas senhoras intrinsecamente ligadas à manutenção da memória da comunidade (via salvaguarda do Museu das Cavalhadas e certificado como Mestra Griô). Se, para o forâneo, é possível imaginar Pirenópolis sem a festividade, a importância da tradição aumenta à medida que os entrevistados a percebem como parte de seu modo de vida. Os artesãos, por exemplo, são responsáveis pelas armaduras dos Cavaleiros e ornamentos dos Mascarados. O fotógrafo corre como Mascarado e admira os “anti-cavaleiros” desde a infância, quando passou a testemunhar seu pai correndo como Mascarado. O tempo em que um indivíduo fez parte da celebração, isto é, a distância em que suas memórias mais antigas da celebração possui do presente, se tornou dimensão a ser observada, principalmente no que diz respeito à dificuldade dos indivíduos em imaginarem a cidade sem as Cavalhadas. Contudo, o detalhe mais salientado não se tratou da possibilidade do fim da manifestação em si, mas da *impossibilidade* da exaustão da tradição ao qual ela está associada, em grau de hierarquia inclusive ressaltado por uma das entrevistadas: ainda que hiatos na realização das Cavalhadas fossem salientados em mais de um relato, a intermitência da Festa do Divino Espírito Santo se tornou um dos elementos considerados como garantidores da manutenção da tradição como um todo.

A certeza da sobrevivência da tradição, que aparenta imiscuir-se com a própria fé no Espírito Santo, se traduz também pela expectativa colocada nas gerações posteriores. É assim que a maioria dos entrevistados citou tanto a participação de infantes na *Cavalhadinha Mirim* quanto a sobrevivência dos próprios ofícios (em se tratando de uma artesã entrevistada) através do ensino para sucessores mais jovens. Destarte, a confiança depositada na sobrevivência das Cavalhadas (e de outras etapas da tradição que envolvem o intercâmbio entre diferentes gerações) se trata de uma “confiança na continuidade do passado, na integração deste com o presente e com o futuro” (LISBOA, 2014, p. 36). Tal confiança entra em choque com questões ligadas diretamente ao contexto daquilo que poderíamos considerar como pós-moderno, momento em que as identidades culturais não mais repousam em certezas outrora acreditadas

como absolutas (HALL, 2006). Sobretudo para alguns entrevistados, se existe alguma possibilidade de um evanescer da tradição, ou seja, o eventual esquecimento daquilo que é interpretado como sua essência, está em dois principais aspectos. Por um lado, a desvalorização de certa liturgia pelos próprios membros da comunidade, algo que é apontado desde determinados grupos solicitarem apoio financeiro para participarem da Festa do Divino ao esquecimento de determinadas etapas ligadas à religiosidade necessária para o decorrer do rito. Por outro lado, a interferência do Estado, desde a promoção de outras Cavalhadas ao redor de Goiás até a construção, reforma e eventual paralisação das obras do *Cavalhódromo*, é percebida como algo que contribui negativamente para a festividade; tanto os novos hábitos quanto o que vem de fora são percebidos, então, como elementos exógenos que ameaçam a manutenção de uma identidade que somente pode ser manipulada pela comunidade, dentro dos estreitos limites impostos em uma tradição que alterna do concreto ao abstrato, dos dias de festividade à memória e de lá para a festividade do ano seguinte, espécie de *movência* da oralidade à *performance* (ZUMTHOR, 1993).

Por fim, o hiato pandêmico tratou-se de ponto fulcral em todas as entrevistas, principalmente por oferecer oportunidade única para que o entrevistador pudesse perceber como os depoentes imaginariam, quando inquiridos, a perspectiva de uma cidade demovida forçosamente de sua tradição. Assim, a impossibilidade de imaginar uma Pirenópolis sem Cavalhadas era tributária da possibilidade de imaginar uma Pirenópolis sem a Festa do Divino. Mesmo relatando dificuldades e irreparáveis perdas causadas pela pandemia de Sars-Cov-2, relatos de alternativas ao hiato demonstram que o apego da comunidade à manutenção do que se tornou sua identidade ultrapassa situações como o necessário afastamento e interrupção das celebrações. Além do temor pelo fim da tradição, havia, segundo os relatos, o luto pelo contexto presente, mas a esperança pelo retorno à (alguma) normalidade.

4. CONCLUSÕES

Para além dos relatos colhidos remotamente, que aureolaram a etapa anterior dessa pesquisa, a coleta de entrevistas presenciais contribuiu de forma singular para a percepção do papel da memória na manutenção de uma tradição e, principalmente, de seu impacto na identidade da comunidade. Compreender a conexão entre as Cavalhadas e aqueles que são seu público-alvo (a comunidade, mais do que os eventuais turistas ou elites forâneas) é etapa fundamental para perceber a maneira como as tradições dos *Brasis* são mantidas e eventualmente reconstruídas para atender àqueles que são seus mantenedores. Ainda assim, tais celebrações não ocupam espaço hermético, bem como as comunidades não são “exóticas” ilhas culturais apartadas do fluxo do tempo e das transformações do espaço. Pressões externas e internas somam-se à agência da comunidade e imprimem suas próprias expressões mesmo em tradições multisseculares, o que passa a ser percebido de formas distintas pelos nativos. Em suma, assim como os membros mais antigos de uma comunidade percebem a tradição como parte de *sua* identidade, tal sensibilidade é responsável por qualificar como ameaçada (ou não) uma tradição que é paradoxalmente frágil e sólida, longa e mutante. A verificação de aspectos na memória é, então, crucial para compreender, através da prospecção de seus ecos e rastros, como uma comunidade está percebendo os rumos de sua própria tradição.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ASSMANN, A. **Espaços de recordação**: formas e transformações da memória cultural. Tradução de Paulo Soethe. Campinas: Editora da Unicamp, 2011.

BALLESTRIN, L. América Latina e o giro decolonial. **Revista Brasileira de Ciência Política**. Brasília: UnB, n.11, pp. 89-117, mai-ago. 2013.

CHAKRABARTY, D. **Provincializing Europe**: Postcolonial Thought and Historical Difference. Princeton: Princeton University Press, 2008.

DE CERTEAU, M. **The writing of History**. Tradução de Tom Conley. Nova York: Columbia University Press, 1988.

DETENNE, M. **Comparar o Incomparável**. Tradução de Ivo Storniolo. Aparecida, SP: Idéias & Letras, 2004.

HALL, S. **A Identidade Cultural na Pós-Modernidade**. Tradução de De Paulo Editora. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

HOLANDA, F.; MEIHY, J.C.S. **História oral**: como fazer, como pensar. 2 ed. São Paulo: Contexto, 2015.

KOCKA, J. Comparison and Beyond. **History and Theory**, v. 42, n.1, p. 39-44, fev. 2003.

LISBOA, C. P. **Renovando a Tradição**: o caso da Cavallhada Mirim na comunidade de Morro Vermelho. Belo Horizonte, 2014, 184f. Dissertação (Mestrado em Psicologia). UFMG – Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas. Belo Horizonte, 2014.

OLIVEIRA, G. R. **“A lei do vencedor será firme e valiosa”**: tradições inventadas, celebrações da (Re)conquista e o medievo imaginado nas Cavallhadas de Pirenópolis (1973). Pelotas, 2021, 90f. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado em História) – Instituto de Ciências Humanas, Universidade Federal de Pelotas, 2021.

_____, _____.; GALLINDO-GONÇALVES, D. Entre Rupturas e Continuidades: temores e outros aspectos em relatos sobre as Cavallhadas de Pirenópolis (2021-2023). XXV Encontro de Pós-Graduação, 2021, Pelotas. **Anais 2023**. Online. Disponível em: https://cti.ufpel.edu.br/siepe/arquivos/2023/CH_03100.pdf

THOMPSON, P.; BORNAT, J. **The Voice of the Past**: Oral History. 4 ed. New York: Oxford University Press, 2017.

ZUMTHOR, P. **A letra e a voz**: a “literatura” medieval. Tradução de Amálio Pinheiro e Jerusa Pires Ferreira. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.